

A Psicologia do esporte no Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro

Daniele Mariano Seda – CRP-05
Adriana Amaral do Espírito Santo – CRP-05
José Henrique Lobato Vianna – CRP-05
Louise Cordeiro Borba Nogueira – CRP-05
Aparecida Carina Alves de Souza – CRP-05
cotec@crprj.org.br

A Psicologia do Esporte vem crescendo no Brasil desde a década de 1950, quando temos seu início oficial, antes mesmo da regulamentação da profissão de psicólogo (lei 4.119/62). Porém, no âmbito do Sistema Conselhos, criado em 1971 (lei 5.766), ainda são fugazes as ações para sistematização, problematização e ampliação de uma prática nesta área.

Visando contribuir para esta construção, o presente artigo pretende apresentar a experiência do Grupo de Trabalho (GT) de Psicologia do Esporte que aconteceu no Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-05) entre outubro de 2008 e outubro de 2009.

Para isso, iniciamos com uma breve contextualização histórica do surgimento da Psicologia do Esporte como campo de atuação no Brasil. Em seguida, a situamos com relação ao CRP-05, mostrando o espaço que se abriu para a criação do GT. Relatamos as principais atividades desenvolvidas ao longo de um ano de funcionamento e terminamos apresentando os futuros caminhos do GT, que encerrou suas atividades, mas conseguiu conquistar seu espaço dentro do Conselho, dando prosseguimento a suas ações inserido em uma Comissão.

1. Contextualizando a Psicologia do Esporte no Brasil

Conforme apontado por Espírito Santo (2008), o século XIX marcou um período de grandes mudanças no mundo, nos mais diversos aspectos da sociedade. No que tange à educação sobre o corpo, em diversos países da Europa, os sistemas ginásticos ganharam impulso, sob a bandeira da defesa nacional, disseminando a disciplina, a moral e a normatização do corpo através da ginástica (Soares, 2000).

Nesse sentido, o Movimento Ginástico Europeu, inicialmente de cunho militarista, num período de muitos conflitos entre nações, foi um elemento fundamental de sistematização da Educação Física, extrapolando a Europa e chegando até outros países, inclusive o Brasil.

Como mostra Betti (1991), paralelamente a este movimento, por estar alheia às invasões estrangeiras, graças à sua posição geográfica privilegiada e à força de sua marinha, veio da Inglaterra outro elemento que iria constituir a Educação Física moderna: o esporte, que se fortalece enquanto instituição através do resgate dos Jogos Olímpicos pelo Barão de Coubertin, em 1896. São constituídos padrões de funcionamento, regras e normas de conduta, caminhando para uma crescente profissionalização, com o desenvolvimento das chamadas “ciências do esporte”.

Neste contexto, “a Psicologia também surge como demanda, inicialmente em busca de uma explicação dos resultados, um modelo produtor de verdades, que utilizava em grande escala os testes e avaliações, como todas as áreas da Psicologia em sua aplicação inicial” (Espírito Santo, 2008, p. 49).

No Brasil, o registro oficial de instituição da Psicologia do Esporte como um ramo

da Psicologia é bem posterior ao de outros países, apenas no ano de 1954. Foi quando João Carvalhaes, então trabalhando no recrutamento e seleção de motoristas da CMTC (Companhia Municipal de Transporte Coletivo), em São Paulo, iniciou sua atuação como psicólogo junto à Federação Paulista de Futebol, realizando a seleção de árbitros. Ele trabalhou ainda como comentarista de lutas de boxe, porém se fixou mesmo no futebol: ainda na década de 1950, atuou no São Paulo Futebol Clube e na seleção brasileira que se sagrou campeã da Copa do Mundo de 1958, na Suécia (Ciampa et. al., 2001).

Carvalhaes causou muita polêmica entre os dirigentes, técnicos, jogadores e, principalmente, diante da imprensa, ao introduzir no Brasil algo inédito, que mesmo no âmbito mundial também engatinhava apenas. Segundo Rubio (Ciampa et. al., 2001), seu mérito foi não ter copiado a metodologia que se adotava em países como Estados Unidos e Rússia, mas sim criar possibilidades de intervenções que atendessem às demandas da realidade brasileira (Ciampa et. al., 2001).

A partir de então, a Psicologia do Esporte em nosso país vem caminhando, embora a passos lentos e ainda tendo como principal polo a cidade de São Paulo. A produção científica ainda é pequena, a inserção dos profissionais é difícil e a disciplina ainda inexistente na maioria dos currículos de Psicologia, como exemplifica SILVA (2007):

Quase nenhuma literatura sobre a Psicologia do Esporte é encontrada na biblioteca das faculdades de Psicologia. As referências estão em sua quase totalidade nas bibliotecas das faculdades de Educação Física, isso porque a disciplina Psicologia do Esporte faz parte dos currículos programáticos desses cursos já há quase 3 décadas. Essa constatação já foi revelada por outros profissionais, como por exemplo em Rubio (2000).

Além disso, poucos cursos de especialização são oferecidos e a prática ainda esbarra no desconhecimento dos dirigentes esportivos.

2. A Psicologia do Esporte no Sistema Conselhos de Psicologia

No âmbito do Sistema Conselhos, o final do século XX ganhou algumas iniciativas relevantes. No Paraná, há aproximadamente dez anos vem funcionando uma Comissão de Psicologia do Esporte, embora ainda sem um diálogo efetivo com os outros Regionais. Em 1999, o CRP-SP também criou uma Comissão de Esporte, que atuou produzindo publicações, documentos, eventos e outras ações em prol de uma melhor estrutura para a área, porém que não existe mais. A partir do grupo de profissionais que compunham esta comissão, em 2003 iniciou-se o movimento de criação da ABRAPESP (Associação Brasileira de Psicologia do Esporte), que só iria se formalizar no ano de 2006, com sede em São Paulo.

Também nesta época, o Conselho Regional do Rio de Janeiro construiu uma Comissão de Psicologia do Esporte, presidida pelo psicólogo Paulo Ribeiro. No entanto, algum tempo depois a mesma foi extinta, o que coincidiu com um momento de problemas políticos naquele regional, e desde aquele momento não houve outras experiências na área.

Em 2007, contudo, com a aprovação de uma tese no VI Congresso Nacional de Psicologia (CNP)¹, o Rio de Janeiro tentou retomar as ações e discussões no âmbito da

¹ O CNP é um dispositivo democrático do Sistema Conselhos de Psicologia, instaurado a partir do Processo Constituinte da Psicologia, em 1994, e à luz da Constituição Federal de 1988. Acontece a cada três anos, com a realização de diversos eventos preparatórios e congressos regionais, onde são propostas teses que,

Psicologia do Esporte. A tese, que, conforme o funcionamento do CNP, seria uma das diretrizes da Psicologia nos três anos seguintes, previa a realização de eventos sobre Psicologia do Esporte, bem como a realização de um mapeamento dos psicólogos atuantes, com auxílio do CREPOP (Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas). A existência desta diretriz, aliada ao fraco desempenho dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, que gerou muitas discussões a nível nacional sobre a necessidade da preparação psicológica, levou à criação, naquele mesmo ano, do Grupo de Trabalho de Psicologia do Esporte, aprovado pelo XII Plenário e com funcionamento entre outubro de 2008 e outubro de 2009.

Entendemos que o trabalho do psicólogo no esporte acontece em contexto multidisciplinar, em confluência com os treinamentos técnico, tático e físico, tornando-se um diferencial para atletas e comissão técnica, e também apontando para um leque de espaços de trabalho e de atuação para além do esporte de alto rendimento, como a reabilitação, as práticas de tempo livre, o esporte escolar e os projetos sociais, como apontado por Rubio (2007).

Neste sentido, apontamos que o fator psicológico não é o único a ser “corrigido”² em uma equipe esportiva, mas ao considerarmos que não há uma dicotomização entre corpo-mente e, principalmente, que o esporte brasileiro não está despartado de suas configurações históricas, sociais, econômicas e políticas, acreditamos que o psicólogo aparece como mais um elemento potencializador, como um profissional de saúde mental também nesta área, e que seu trabalho acontece a médio e longo prazo.

Nosso Grupo de Trabalho teve como público-alvo não apenas os psicólogos atuantes no campo do esporte e da atividade física, mas também outros profissionais que estão inseridos neste contexto. Baseado na construção dessa rede e na disseminação dos conhecimentos entre as diversas disciplinas o GT de Esporte visou promover um maior conhecimento sobre os psicólogos atuantes na área do esporte, com o intuito de verificar suas demandas e ampliar suas possibilidades de ação junto à sociedade, fortalecendo sua identidade.

3. As atividades do Grupo de Trabalho de Psicologia do Esporte do CRP-RJ

No período de um ano de atividades do GT, buscamos estabelecer objetivos específicos de atuação, trazendo temas que consideramos relevantes para a prática do psicólogo e estabelecendo um território dentro do Conselho que pudesse se tornar mais uma ferramenta e um espaço de discussão para os profissionais de psicologia e áreas afins, assim como tornar acessível a Psicologia do esporte para os graduandos.

Assim, um dos objetivos foi auxiliar o CREPOP na realização de um levantamento dos psicólogos atuantes (incluindo estagiários e grupos de supervisão), dos temas do campo do esporte e da atividade física. Foi elaborado um questionário, aplicado durante os eventos do GT e por e-mail e que, embora com algumas falhas, nos forneceu um panorama do perfil dos psicólogos do esporte no Rio de Janeiro.

Ainda em parceria com o CREPOP, realizamos um primeiro encontro com os psicólogos, nos moldes do ciclo de políticas públicas, buscando identificar as demandas

aprovadas, irão a votação por delegados eleitos nacionalmente, representativos de todos os Regionais. As teses aprovadas na versão final se transformam nas diretrizes da Psicologia para o próximo triênio.

² Declaração do Presidente do COB, Sr. Carlos Nuzman, à imprensa, sobre os Jogos Olímpicos de Pequim. Em : <http://msn.lancenet.com.br/especiais/PEQUIM-2008/noticias/08-08-24/368921.stm?nuzman-diz-que-atletas-precisam-de-preparo-psicologico>. Acessado em : 29/08/2008

daqueles que atuam nesse campo para, assim, estipular diretrizes para o trabalho do GT.

Realizamos uma pesquisa nas universidades do estado procurando saber em quais delas existe a disciplina de Psicologia do Esporte e quem são seus professores, pensando numa futura parceria com os mesmos para levantamento dos currículos e outras discussões. Esta pesquisa está em fase final de construção e deve ser publicada posteriormente.

O GT também entrou em contato com outros Regionais no intuito de verificar em quais deles havia frentes de trabalho sobre Psicologia do Esporte. Tivemos pouco retorno e uma constatação preocupante: apenas no Paraná – onde se mantém uma comissão há quase uma década, como foi dito – e no Sergipe/Bahia – onde teve início um GT algum tempo após o nosso – estão acontecendo iniciativas no âmbito do Sistema Conselhos na área de esporte, apesar da diretriz do CNP citada anteriormente.

O GT objetivava, ainda, discutir políticas públicas voltadas para o esporte, estabelecer um intercâmbio com os meios de comunicação e fortalecer a visão do esporte no campo da educação e da saúde, promovendo uma parceria com outras Comissões e GTs de nosso Regional.

O principal meio de realização de vários destes objetivos, e que também era uma das metas do GT, foi a realização de um ciclo de debates intitulado Lance Livre, que aconteceu quinzenalmente, às segundas-feiras, com temas propostos a partir de sugestões dos psicólogos e participantes em geral do GT.

O primeiro tema a ser debatido foi a prática psi no esporte e na atividade física, no dia 13 de abril, contando com a presença de três psicólogas que atuam em vilas olímpicas e com o paradesporto. Esse encontro foi importante para começarmos a abrir o leque de atuação para fora dos grandes clubes.

Nosso segundo encontro trouxe o tema da iniciação esportiva para crianças e adolescentes e a importância do psicólogo nesse contexto. Foi levantada a importância do profissional psi na orientação de professores, treinadores, pais e alunos em não cobrar rendimento do atleta, assumindo um compromisso de contribuir para a formação do atleta-cidadão.

No dia 11 de maio trouxemos o tema “Esporte e relações raciais”, com a participação do GT de Relações Raciais do CRP-05, iniciando o intercâmbio com os outros GTs e Comissões do Conselho. Esse tema teve grande participação do público presente e trouxe a emergência de questões sobre racismo e associação do negro à pobreza e à criminalidade, tão presentes para os psicólogos que trabalham com esporte.

No dia 8 de junho realizamos o evento sobre “Formas de intervenção em Psicologia do Esporte”, onde estavam presentes psicólogos representantes de grandes clubes do Rio de Janeiro. Os palestrantes trouxeram métodos de intervenção como a avaliação de perfis de atletas, a utilização da neurociência aplicada ao futebol e o Treinamento de Habilidades Psicológicas. Foi discutido também o posicionamento ético do profissional psicólogo utilizando tais ferramentas e as conseqüências dessas intervenções.

Em 22 de junho foi realizado o encontro “Psicologia e Esporte: diálogos ao longo da história”, discutindo a história do esporte e da Psicologia do Esporte no Brasil. Nesta ocasião, pudemos apreciar as pesquisas feitas neste campo em nível de mestrado e doutorado, inclusive com resultados que demonstram prática psi na atividade física e no desporto antes mesmo de 1954, quando Carvalhaes iniciou sua prática.

“Treinamento Esportivo: uma abordagem interdisciplinar” foi o tema trazido pelo GT no dia 6 de julho, discutindo o papel e o espaço do psicólogo no planejamento dos treinos, sob o ponto de vista de profissionais de outras áreas – um professor de Educação

Física e um técnico de tiro esportivo.

Outro tema importante no nosso ciclo de debates foi “Mídia, esporte e psicologia”, discutido no dia 13 de julho. A problematização da imagem do psicólogo no esporte veiculado pelo jornalismo esportivo foi o principal foco deste encontro, que contou com a participação do GT de Mídia e Psicologia do CRP-05. Foi discutido também o papel da mídia, por exemplo, no incentivo a uma suposta rivalidade entre Brasil e Argentina e na criação de ídolos.

No dia 17 de agosto, o tema foi “Esporte e Diversidade Sexual”. As palestras falaram sobre os estigmas nos esportes, a criação dos conceitos de gênero e como isso se apresenta na sociedade, atravessando a prática do psicólogo. A presença de uma representante do Comitê Desportivo GLBT Brasileiro (CDG) levantou, ainda, a questão da necessidade de um evento específico para este público, como para os transsexuais, por exemplo, que encontram dificuldade de inserção nas competições “comuns”.

No dia 31 de agosto foi realizado o encontro “Envelhecimento, esporte e atividade física”, apresentando o campo do envelhecimento e da atividade física como um espaço amplo de trabalho para o psicólogo, principalmente no que se refere a um trabalho em equipe interdisciplinar na criação de hábitos para um envelhecimento saudável.

“Álcool e drogas no esporte” foi o tema do penúltimo Lance Livre, realizado no dia 14 de setembro. Neste encontro foram discutidos os motivos que levariam o esportista à utilização de substâncias químicas ilícitas, o efeito dessas drogas no organismo e a vinculação de imagens de esportistas em propagandas de bebidas, além da inserção do psicólogo na prevenção destes problemas em diversos espaços, como academias de ginástica.

Finalmente, no dia 28 de setembro, foi realizado o último Lance Livre de 2009, debatendo a utilização de testes psicométricos no esporte. Este encontro contou com a participação de uma das assistentes técnicas da Comissão de Orientação e Fiscalização (COF) do CRP-05, trazendo a ótica legislativa na utilização de testes psicológicos. Discutiu-se, ainda, a validação de testes para a utilização no campo do esporte e a dificuldade desta validação num país como o Brasil, de dimensões continentais e com seus diversos regionalismos.

Estas atividades do GT aconteceram concomitantemente à participação em eventos da Psicologia, falando sobre o trabalho e divulgando os resultados das ações conforme seu desenrolar.

Em maio, participamos do VI Congresso Norte-Nordeste de Psicologia (CONPSI), em Belém/PA. Neste congresso, apresentamos o trabalho “GT de Esporte no CRP-RJ: o psicólogo como profissional de saúde mental”. A ida a este evento foi fundamental, pois lá estabelecemos contato com a ABRAPESP, resultando numa parceria que trará o segundo congresso da associação para o Rio de Janeiro, em novembro. Consideramos esta uma grande conquista para o Rio de Janeiro, que costuma ser carente de eventos de grande porte como este na área da Psicologia do Esporte.

O GT participou, ainda, da III Mostra Regional de Práticas em Psicologia, evento promovido pelo CRP-05. Realizamos uma oficina sobre o tema da psicologia aplicada ao esporte e à atividade física, proporcionando um mergulho dos participantes no contexto inerente ao jogo e todas as forças que o atravessam. Objetivamos, desta forma, discutir questões emergentes na situação do exercício, com as quais o psicólogo pode se deparar, e empreender uma análise crítica de seu papel neste trabalho, o que foi obtido com sucesso.

Ainda na III Mostra, apresentamos o trabalho “Psicologia do esporte no Rio de Janeiro: a atuação do Conselho Regional de Psicologia”, mantendo o esforço de divulgação do GT e da Psicologia do Esporte entre os psicólogos do Rio de Janeiro e prestando contas sobre o nosso trabalho até aquela data.

Além disso, fomos convidados a participar de um evento em diversos *campi* da Universidade Estácio de Sá, apresentando o trabalho do GT, e frequentamos outros encontros de menor porte, mas muito importantes para a ampliação do trabalho e construção de nossas discussões internas sobre esporte e atividade física.

4. Considerações finais: um trabalho em construção

Um dos objetivos do GT, ao seu término, era transformar-se em uma Comissão de Psicologia do Esporte, retomando efetivamente um trabalho que havia se iniciado há quase dez anos. Porém, houve uma reestruturação política do CRP-05, visando unificar suas atividades e reduzir os especialismos que vinham se solidificando dentro do próprio conselho, gerando ações isoladas, empobrecendo o diálogo possível entre suas diversas frentes de trabalho. Assim, neste momento, iniciamos um novo ciclo de atividades junto à comissão de Saúde, com eventos programados para o próximo ano em parceria com o GT de Psicologia e Mídia, o GT de Relações Raciais, o coletivo de estudantes e, é claro, a própria Comissão de Saúde.

Vemos nesta nova configuração a oportunidade de ampliar nossas discussões junto à sociedade e à própria categoria dos psicólogos, atingindo também aqueles que não atuam com esporte e atividade física, e norteando nossas ações numa crença que pautou a atuação do GT desde seu início: a compreensão do psicólogo do esporte e atividade física, acima de tudo, como um profissional de saúde mental.

5. Referências bibliográficas

- BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
- CIAMPA, Fernão da Costa; AZEVEDO, Mônica Leopardi B.; WAENY, Fernanda Costa. *Pioneiro da Psicologia do Esporte: João Carvalhaes*. [Filme-vídeo]. Produção de Mônica Leopardi B. de Azevedo e Maria Fernanda Costa Waeny. Direção de Fernão da Costa Ciampa. São Paulo, Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. 2001. DVD. 40 min. son. color.
- ESPÍRITO SANTO, Adriana Amaral do. “*Venha cuidar do corpo e da mente*”: *interconexões possíveis entre mulheres, atividade física e Psicologia*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: PPGPS/UERJ, 2008.
- RUBIO, Katia. Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 1, n. 1, 2007.
- SILVA, Mônica d'Fátima Freires da. A psicologia do esporte no contexto do Sistema Conselhos. *Rev. bras. psicol. esporte*. [online]. dez. 2007, vol.1, no.1 [citado 15 Outubro 2009], p.01-11. Disponível no World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198191452007000100012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1981-9145.
- SOARES, Carmen Lúcia. Notas sobre a educação no corpo. *Educar*, Curitiba, n. 16, p. 43-60. 2000.